

## Breve resenha de leitura do texto Identificação e Sint(h)oma, de Jacques Laberge<sup>1</sup>

Miriam A. Nogueira Lima<sup>2</sup>

O trabalho que realizei para este Simpósio na qualidade de “leitor” do texto Identificação e Sint(h)oma, de Jacques Laberge, resultou numa experiência bastante rica para mim. Estivéssemos no tempo de um dos inovadores dispositivos de Lacan tendo em vista a transmissão – o princípio do não-assinado –, seria mais fácil ler aqui e agora o que escrevi no Rio sobre esse texto que traz questões clínicas tratadas com objetividade teórica, até onde isso é possível. Também seria mais fácil sob o princípio do não-assinado referir-me ao estilo que me pareceu possível qualificar como denso e bastante generoso.

Laberge vai com Lacan à segunda tópica freudiana de onde este destacou a grande invenção de Freud nessa tópica: o conceito de supereu. Invenção que um Alain Didier-Weill abordou no seu livro *Os três tempos da Lei*, tomado pelo autor como uma das referências de seu texto.

Da invenção freudiana chega-se à invenção lacaniana – o objeto *a*, em seu registro de real, e a invenção do sintoma com *th*, a partir de pedaços de real, em direção ao fim de análise. “Deixo de pensar neste lugar da análise, sou, onde o in- de incapaz do Real da letra, caroço do sintoma, possa servir ao Real do in da invenção do sint(h)oma”.

O esvaziamento do sentido (do simbólico ao real), a escrita matemática de Lacan, sua álgebra, a transmissão da psicanálise, o saber no real (da letra), os nomes do pai são marcadores fundamentais do texto de Laberge, como pude ler. Joyce entra em cena, claro: “[...] pela sua arte, Joyce deve sustentá-lo (ao pai) para que subsista”. E entram o saber-fazer – arte, artifício, invenção. O autor cita Lacan: “Pode-se dispensar o nome do Pai [...] à condição de se servir dele”.

O texto dá uma volta, retoma a questão do supereu cruel, do real sem lei sendo respondido pelo real do nó. Mais uma vez, toma de Lacan: “A invenção da escrita do Real do nó, mais propriamente da cadeia, esta escrita onde se penduram significantes, é

---

<sup>1</sup> Apresentado no Simpósio de Brasília em outubro de 2006.

<sup>2</sup> Psicanalista. Membro da Intersecção Psicanalítica do Brasil, no Rio de Janeiro.

também uma façanha de *Finnegans wake*”. Eis aí a invenção joyceana comparada à invenção lacaniana. Em plena vigência de uma análise, é aí sublinhada a questão da não-resistência do analista. “O saber-fazer do analista deveria permitir-lhe não resistir aos desafios do saber-fazer do analisante e dizer com Lacan: ‘gostaria de lhes dar um pedaço, não se pode chamar de outra forma, um pedaço de Real’”. Então, a redução de sentido pela equivocação da qual se vale o analista faz aparecer o não-sentido de pedaços do real. E Laberge sublinha a intervenção do analista enquanto atingindo pedaços de real, caso contrário não há efeitos.

*L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre/O não-sabido que sabe da besteira é a asa do adivinhar*, sugere Laberge como possível tradução para o título do Seminário de Lacan, sendo o *umbevisto* uma “besteira” produzida pelo inconsciente. Assim, do equívoco ao enigma, o texto nesse ponto segue a trilha do seminário de 1976-77 e busca uma síntese, desfecho, ou um fecho ao que se abriu ao longo de seu percurso, mostrando sua visada analítica.

Ao retomar a questão da identificação, Laberge interroga: o que seria a identificação num final de análise? Uma vez sabido que não se trata da imaginária identificação ao sujeito-suposto-saber, o texto vale-se da pergunta tomada como empréstimo ao próprio Lacan: “Não seria identificar-se, identificar-se, tomando suas garantias, uma espécie de distância, identificar-se a seu sintoma”? Vale dizer, uma familiaridade tal do sujeito com seu sintoma, que com ele soubesse lidar “artesanalmente”; afinal desfiar e debulhar são coisas feitas com as mãos. Laberge usa a palavra “manipular”, que não é outra coisa tomando-se seu sentido etimológico.